

Hora de investir e adiar crediário

Liana Verdini

Da equipe do **Correio**
Com agências

A redução dos juros que deve ser anunciada pelo Banco Central representa um alívio para a economia. Mas as taxas continuam muito altas, quando comparadas às previsões de inflação para este mês, feitas por economistas das instituições financeiras. Na média, as apostas são de que a inflação de dezembro ficará abaixo de 0,5%. A maioria dos índices deve encerrar o mês oscilando entre 0,2% e 0,3%. Alguns, por questão de prazo de coleta dos dados, poderão registrar até 0,6%.

A hora, portanto, é de aproveitar o juro alto e investir. "Comprar a prazo, só se for pelo preço do produto à vista, sem acréscimo algum", ensina o professor de matemática financeira da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) Luis Carlos Ewald. "E mesmo assim, se o lojista não se comover com o seu choro e não der um desconto".

A queda dos juros deverá ter um pequeno reflexo nas taxas dos investimentos em renda fixa. Assim, é esperada uma baixa na rentabilidade dos Certificados de Depósito Bancário (CDBs), que estão pagando

2,54% para as aplicações de 30 dias. O mesmo deverá ocorrer nos fundos de investimento (FIFs) de 30 dias, que estão rendendo 1,98% descontado o imposto. Mesmo com a queda dos juros, investir continuará sendo uma boa opção para o início do ano.

LENTIDÃO

O professor de matemática da PUC recomenda que os investidores mantenham seus recursos aplicados pelos próximos três ou quatro meses. "Os juros estão altos e deve-

rão cair lentamente", disse. Concorde com ele o presidente da Associação Brasileira dos Bancos Comerciais e Múltiplos (ABBC), Antonio Carlos Castrucci. Sua expectativa é a de que entre maio e junho a taxa de juros do Banco Central tenha voltado aos níveis anteriores à crise asiática, entre 1,57% e 1,60% ao mês.

Mas o fato é que o juro para o

consumidor final não chegou a dobrar como fez o BC com sua própria taxa. "As taxas ao consumidor devem ter aumentado entre 20% e 30% depois que o governo decidiu dobrar os juros para conter o ataque especulativo que ameaçava o real", disse Ewald. Isso porque as taxas já estavam em um patamar muito alto e não havia como aumentar os juros ainda mais sem

correr o risco de levar muitos devedores à inadimplência.

É o que explica a evolução dos juros do cheque especial depois da crise. Em setembro e outubro, a média das taxas praticadas pelos diversos bancos, apurada pelo Procon de São Paulo, era de 10,01% ao mês. Em novembro, mesmo com a taxa básica tendo dobrado, a média do cheque especial subiu para 11,26%. Um aumento de 12%. É bom destacar que alguns bancos podem ter subido mais do que outros.

Os bancos preferiram aumentar mais as taxas de empréstimo pessoal. Em média, segundo dados do Procon-SP, os juros para quem tomou um empréstimo no banco subiram de 6,01% em outubro (antes da crise) para 7,45% em novembro. Foi um aumento médio de 24% nessas taxas.

EFEITOS

Os juros, porém, já começam a ceder antes mesmo do anúncio formal do Copom. Um levantamento recente da Associação Nacional das Instituições do Mercado Aberto (Andima) mostra que os juros do cheque especial já estiveram mais altos. Foi no dia 03 de novembro, quando na média os bancos cobravam 12,06% ao mês de quem lançasse mão dessa forma de crédito automático.

O mesmo ocorreu com algumas linhas específicas de pessoas jurídicas. A conta garantida, por exemplo, que chegou a cobrar juros de 6,48% ao mês no dia 19 de novembro, estava cobrando no dia 15 de dezembro 5,56%. Também cedeu a taxa para desconto de duplicata, que no dia 3 de novembro chegou a 4,47% ao mês e no dia 15 passado estava, na média, em 3,78%.

"AS TAXAS AO CONSUMIDOR DEVEM TER AUMENTADO ENTRE 20% E 30% DEPOIS QUE O GOVERNO DECIDIU DOBRAR OS JUROS PARA CONTER O ATAQUE ESPECULATIVO QUE AMEAÇAVA O REAL."

Luis Carlos Ewald

Professor de matemática financeira da PUC-RJ